





O QUE FICA  
SOMOS NÓS



JILL SANTOPOLO

O QUE FICA  
SOMOS NÓS

Tradução de  
JOÃO TORDO



*A Nova Iorque*

## Prólogo

Conhecemo-nos há quase metade das nossas vidas.  
Vi-te sorrir, confiante, ditosamente feliz.  
Vi-te destruído, magoado, perdido.  
Mas nunca te vi assim.  
Ensinaste-me a procurar a beleza. Na escuridão, na destruição, encontraste sempre a luz.  
Não sei que beleza encontrarei aqui, que luz. Mas tentarei. Fá-lo-ei por ti. Porque sei que o farias por mim.  
Havia tanta beleza na nossa vida juntos.  
Talvez deva começar por aí.



# I

Às vezes parece que os objectos foram testemunhas da história. Eu costumava imaginar que a mesa de madeira em torno da qual nos sentávamos durante o seminário de Shakespeare, leccionado por Kramer, no nosso último ano, era tão velha como a própria Colúmbia — imaginava que tinha estado naquela sala desde 1754, os cantos amaciados por séculos de estudantes como nós, o que, evidentemente, não podia ser verdade. Mas era isto que eu imaginava. Estudantes ali sentados durante a Guerra da Independência, a Guerra Civil, as duas Guerras Mundiais, a Coreia, o Vietname, o golfo Pérsico.

Tem graça: se me perguntares quem mais ali estava naquele dia, acho que não consigo dizer. Costumava ser capaz de recordar todos aqueles rostos com tanta clareza; contudo, treze anos passados, só me lembro de ti e do professor Kramer. Nem sequer me recordo do nome da professora assistente que apareceu tarde, afogueada, na sala de aula. Mais tarde ainda do que tu.

Kramer tinha acabado de fazer a chamada quando tu empurraste a porta. Sorríste-me, revelando brevemente a tua covinha, enquanto tiravas o boné dos Diamondbacks

e o enfiavas no bolso de trás das calças. Os teus olhos pousaram rapidamente na cadeira vazia ao lado da minha, e depois também tu aterraste nela.

— E tu és...? — perguntou Kramer, enquanto tiravas o bloco de notas e uma caneta da mochila.

— Gabe — respondeste. — Gabriel Samson.

Kramer verificou a folha que tinha à frente.

— Vamos tentar chegar a horas durante o que resta do semestre, senhor Samson — sugeriu. — As aulas começam às nove. Na verdade, vamos tentar chegar cedo.

Assentiste, e Kramer começou a falar dos temas em *Júlio César*.

— «Nós nos píncaros estamos prontos para o declínio» — leu. — «Há uma maré nos assuntos dos homens/ Que, na enchente, conduz à boa fortuna/ Suprimida, toda a viagem de uma vida/ Fica soterrada em marés baixas e miséria/ Agora viajamos em mar alto/ E apanharemos a corrente, na sua passagem/ Ou perderemos a boa ventura.» Confio que fizeram a vossa leitura. O que é que Brutus está a dizer sobre o destino e o livre-arbítrio neste excerto?

Lembro-me sempre daquele passo porque tantas vezes me perguntei, desde aquele dia, se tu e eu estávamos destinados a conhecer-nos no seminário de Shakespeare de Kramer. Se foi o destino ou uma decisão que nos manteve ligados todos estes anos. Ou uma combinação das duas coisas, apanhando a corrente na sua passagem.

Depois de Kramer ter falado, uns quantos alunos folhearam o texto que tinham à frente. Tu enfiaste os dedos nos teus caracóis, e depois estes voltaram ao lugar.

— Bem — começaste, e eu e o resto da turma olhámos para ti.

Mas não tiveste tempo de continuar.

Uma professora assistente, cujo nome não consigo recordar, entrou na sala, apressada.

— Desculpem o atraso — disse ela. — Um avião chocou contra uma das Torres Gémeas. Estava a dar na televisão quando me preparava para sair de casa.

Ninguém conhecia o significado destas palavras; nem ela própria.

— O piloto estava bêbedo? — perguntou Kramer.

— Não sei — respondeu a professora assistente, sentando-se à mesa. — Ainda esperei, mas os repórteres não faziam ideia do que estava a acontecer. Disseram que era um tipo qualquer de avião a hélice.

Se tivesse acontecido hoje, todos os nossos telemóveis estariam a explodir de mensagens. Os *pings* do Twitter e do Facebook, e as notificações do *New York Times*. Mas a comunicação nesses tempos ainda não era instantânea, e Shakespeare não seria interrompido. Esquecemos o assunto e Kramer continuou a falar de *César*. Enquanto eu tomava notas, reparei que os dedos da tua mão direita coçavam, inconscientes, o granulado de madeira da mesa. Rabisquei uma imagem do teu polegar com a unha irregular e cutícula rasgada. Ainda tenho esse caderno de notas algures — numa caixa cheia de clássicos da literatura e apontamentos sobre civilizações contemporâneas. Tenho a certeza de que o tenho.

## II

Nunca me esquecerei do que dissemos quando saímos da Ala de Filosofia; embora as palavras não tivessem sido nada de especial, a conversa ficou gravada na minha memória como parte integrante daquele dia. Descemos as escadas juntos. Não propriamente juntos, mas perto um do outro. O ar estava limpo, o céu azul — e tudo mudara. Só que ainda não o sabíamos.

Ao nosso redor, as pessoas diziam:

— As Torres Gémeas desabaram!

— Não há mais aulas!

— Quero doar sangue. Sabes onde é que posso doar sangue?

Voltei-me para ti.

— O que é que se passa?

— Vivo no East Campus — disseste, a apontar para a residência. — Vamos descobrir. Chamas-te Lucy, certo? Onde é que vives?

— Na Residência Hogan — respondi. — Sim, chamo-me Lucy.

— Prazer em conhecer-te, Lucy. Sou o Gabriel.

Estendeste-me a mão. Apertei-a, e olhei-te durante o gesto. A tua covinha regressou. Os teus olhos radiavam azul. Pela primeira vez pensei: *Que bonito*.

Fomos para a tua residência e vimos televisão com os teus colegas, Adam e Scott e Justin. No ecrã, os corpos saltavam dos edifícios, escombros escurecidos enviavam sinais de fumo para o céu, e as Torres caíram em sequência. A devastação deixou-nos dormentes. Vimos as imagens, incapazes de reconciliar aquela narrativa com a nossa realidade. O facto de aquilo estar a acontecer na nossa cidade, a dez quilómetros de onde estávamos sentados, que aqueles corpos eram pessoas — seres humanos — ainda não registara. Pelo menos, não comigo. Parecia uma coisa tão distante.

Os telemóveis não funcionavam. Usaste o telefone da residência para ligar à tua mãe, no Arizona, e dizer-lhe que estavas bem. Eu liguei aos meus pais, no Connecticut, que queriam que eu voltasse para casa. Conheciam alguém cuja filha trabalhava no World Trade Center e ainda ninguém tivera notícias dela. E outra pessoa cujo primo tivera uma reunião ao pequeno-almoço no restaurante Windows of the World.

— É mais seguro saíres de Manhattan — disse o meu pai. — E se houver antraz? Ou outra guerra biológica qualquer. Gás neurotóxico.

Expliquei ao meu pai que o metropolitano não estava a funcionar. Provavelmente também não havia comboios.

— Eu vou buscar-te — disse ele. — Meto-me à estrada agora.

— Está tudo bem — retorqui. — Estou com amigos. Estamos bem. Eu ligo-te mais tarde. — Ainda nada daquilo parecia verdadeiro.

— Sabes — disse Scott, depois de eu ter desligado —, se eu fosse uma organização terrorista, largava uma bomba em cima de nós.

— Foda-se, Scott — refilou Adam; aguardava um telefonema do tio, que trabalhava no Departamento da Polícia de Nova Iorque.

— Ora, se pensares na coisa em teoria... — continuou Scott, mas não chegou mais longe do que isto.

— Cala-te — interveio Justin. — A sério, Scott. Não é altura para isso.

— Se calhar é melhor ir-me embora — disse-te. Não te conhecia. E tinha acabado de conhecer os teus amigos. — Os meus companheiros de residência devem estar a perguntar por mim.

— Liga-lhes — disseste tu, passando-me o telefone. — E diz-lhes que vais para o terraço da Residência Wien. Diz-lhes que podem ir lá ter contigo, se quiseres.

— Vou para onde?

— Comigo — disseste, e correste os dedos despreocupadamente pela minha trança. Era um gesto íntimo, o género de coisa que acontece depois de todas as barreiras do espaço pessoal terem sido infringidas. Tal como comer do prato de alguém sem pedir licença. De súbito senti-me ligada a ti, como se a tua mão no meu cabelo significasse algo mais do que dedos inertes, nervosos. Muitos anos mais tarde pensei nesse momento, quando decidi doar cabelo e o cabeleireiro me entregou uma trança embrulhada em plástico, de um castanho ainda mais escuro do que o habitual. Ainda que, nessa ocasião, tu estivesses a um mundo de distância, senti que te traía, como se estivesse a cortar o nosso vínculo.

Mas naquele dia, depois de me tocares no cabelo, deste-te conta do que havias feito e deixaste a mão cair no colo. Sorriste-me novamente, mas desta vez o sorriso não te chegou aos olhos.

Encolhi os ombros.

— OK — concordei.

Parecia que o mundo se desfazia em pedaços, como se tivéssemos entrado para o interior de um espelho estilhaçado, um lugar fracturado onde nada fazia sentido, onde os nossos escudos tinham caído, as paredes em ruínas. Neste lugar, não havia nenhum motivo para dizer não.

### III

Apanhámos o elevador para Wien 11, e depois abrimos uma janela ao fim do corredor.

— Mostraram-me isto no primeiro ano — contaste. — É a vista mais incrível de Nova Iorque que alguma vez irás ter.

Sáímos da janela para o terraço e fiquei sem ar. O fumo erguia-se do extremo sul de Manhattan. O céu estava a ficar cinzento, a cidade envolvida em cinza.

— Oh, meu Deus — exclamei. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Tive a imagem do que costumava ali estar. Vi o espaço negativo onde as Torres tinham estado. Finalmente percebi. — Havia pessoas naqueles edifícios.

A tua mão encontrou a minha e segurou-a.

Ficámos ali, no rescaldo da destruição, as lágrimas a correrem pelos nossos rostos, não sei durante quanto tempo. Devem ter estado outras pessoas ali connosco, mas não consigo lembrar-me delas. Só de ti. E da imagem daquele fumo. Cauterizada no meu cérebro.

— O que é que acontece agora? — murmurei por fim. Ver aquilo trouxe-me a consciência da magnitude do ataque. — O que é que se segue?

Olhaste para mim, e os nossos olhos, ainda húmidos das lágrimas, encaixaram com a espécie de magnetismo que ignora o mundo em redor. A tua mão desceu à minha cintura, e eu pus-me em bicos de pés para encontrar os teus lábios a meio caminho. Os nossos corpos juntaram-se, como se isso nos protegesse de qualquer coisa que viesse a seguir. Como se a única maneira de continuar protegida fosse deixar os meus lábios nos teus. No instante em que o teu corpo envolveu o meu, foi assim que me senti — segura, abarcada pela força e calor dos teus braços. Os teus músculos tremeram contra as minhas mãos e enterrei os meus dedos no teu cabelo. Envolveste a minha trança com a palma da mão, puxando-a suavemente e inclinando-me a cabeça para trás. E eu esqueci-me do mundo. Naquele momento, só existias tu.

Durante anos senti-me culpada. Culpada de nos termos beijado a primeira vez enquanto a cidade ardia, culpada por ter sido capaz de me perder em ti naquele momento. Mas, mais tarde, compreendi que não éramos os únicos. As pessoas confessaram-me, em sussurros, que tiveram sexo naquele dia. Que fizeram um filho. Que ficaram noivos. Que disseram «amo-te» pela primeira vez. Há alguma coisa na morte que faz as pessoas quererem viver. Naquele dia queríamos viver, e não nos culpo por isso. Deixei de nos culpar.

Quando interrompemos para recuperar o fôlego, encostei a cabeça ao teu peito. Ouvi o teu coração e a sua batida regular confortou-me.

E a batida do meu confortou-te? Ainda te conforta?

## IV

Regressámos ao teu quarto na residência porque me prometeste almoço. Querias voltar ao terraço com a máquina fotográfica, a seguir, e tirar fotografias.

— Para o *Spectator*\*? — perguntei.

— O jornal? Não. Para mim.

Na cozinha entretive-me a observar um monte de fotografias tuas — a preto-e-branco, tiradas um pouco por todo o *campus*. Eram imagens bonitas e bizarras, inundadas de luz. Imagens com um *zoom* tão intenso que os objectos do quotidiano pareciam arte moderna.

— Onde é que tiraste esta? — perguntei. Depois de a observar durante um bocado, dei-me conta de que era um ninho de aves visto de muito perto, embrulhado com o que pareciam ser jornais e revistas e uma redacção que alguém escrevera para uma aula de Literatura Francesa.

— Oh, essa foi incrível — contaste-me. — A Jessica Cho... sabes quem é? Costuma cantar *a capella*? A namorada do David Blum? Ela falou-me deste ninho que conseguia ver da janela,

---

\* Jornal oficial da Universidade de Colúmbia em Manhattan. (N. do T.)